Leitura analítica

Paisagens pedagógicas Digitais: resistência, resiliência, (re)existência.

* Maria Cecília S. de Amorim

Dra. Fernanda Pereira da Cunha Professora Associada EMAC/UFG

(...) transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

Educar é substancialmente formar.

Paulo Freire

Pensamento freireano acerca do tecnicismo, Freire era contra a não reflexão.

O tema deste evento me levou a uma intensa imersão reflexiva auto cartográfica, com fortes questões existenciais. (Re)Visito gestos do [meu] cotidiano, que persistem: (u)tópicos designios. Resistentes traços desenham ações que se embrenham na costura da Bandeira. Eu sou [a] Bandeira. Gestos resilientes pulsam (re)existências. Resistir para [re]existir. Pode a Bandeira silenciar? Batalhas. Caminhadas. Voos. Travessias por entre campos alheios. Frentes abrem outras frentes.

Autora menciona um tipo de reflexão realizada como memória de uma bandeira, esta é sua defesa, sua causa, que gera superação e força

Circunscreve-se a estética da [minha] resistência, resiliência, (re)existência pedagógica, especificamente o universo utópico de ações cirberpedagógicas como gesto de (Re)Existência do ensino da CiberArte libertária - para que a pessoa seja capaz de se expressar com autogovernança. Este processo humano/crítico/inventivo deve atender à força motriz de seus desejos expressivos, que podem estar alicerçados na generosidade, solidariedade. A inclusão digital pode e deve ser uma instância e-arte/educativa, que promova a descoberta do que há de mais humano no ser humano. A Arte, através do Movimento de Arte para a Reconstrução Social, tem apresentado sua relevância para a vida das pessoas. Como adverte Ana Mae Barbosa:

Freire propunha uma educação libertadora e a autora cita a utopia de ações no campo ciber para o resgate de valores que a Arte prega como generosidade, autogovernança e solidariedade em forma de expressão de desejos.

no Brasil, todas as Organizações Não-Governamentais (ONGs) que têm obtido sucesso na ação com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade estão trabalhando com Arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano (BARBOSA, 2008b, p. 1).

Educação não-formal utiliza a arte para resgatar a humanidade

O ensino da Arte não pode ser negligenciado. A expressão humana é uma necessidade inerente a pessoa. Sem a capacidade plena de expressar-se compreendo um homem e/ou uma mulher deficiente. Este texto se insere em reflexões pedagógicas acerca de expressões CiberArtísticas no campo entre o que a realidade e a ficção pode criar. Eis que se instaura o embate e por assim dizer, o conflito. Ambiente de atrito. A bandeira.

Objetivo do texto é realizar uma reflexão pedagógica tendo a arte e a expressão humana como algo próprio do ser. Analisa expressões Ciberartísticas.

clama pela resiliência à resistência. A Arte nos demonstra esta
Chamo pela artista Chantal DuPont.

Resiliência se refere a
superar, fortalecer-se
e demonstrar expressão.

Chantal DuPont¹, nascida (1942) em Montreal foi professora em Artes Visuais
e de Mídias da Universidade de Quebec em Montreal por 23 anos (1985 a
2008), possui obras videográficas reconhecidas internacionalmente com
múltiplas narrativas sobre o que se pode gerar entre a realidade e a ficção
liderada pelo digital. As obras videográficas de DuPont desde 1996 possuem
temas sobre a identidade familiar e cultural, sobre a vulnerabilidade do corpo,
sobre a memória, em que a auto-representação é constante em sua obra,
como a obra intitulada *Health body Science in art*. A obra *Health body Science
in art* nos apresenta as relações (re)existencialistas da vida pela arte ao
expressar o período em que DuPont teve câncer e passou pelo problema da
queda de seu cabelo com o tratamento quimioterápico.

Aporta a obra de DuPont
com referencial de vídeo
gráfico! Tais obras ressig-
nificaram temas relacio-
nados ao corpo, memória
e identidade. A arte
imita a vida e a vida
imita a arte em dramas
pessoais de DuPont.

Os aspectos socioculturais são, portanto, de suma importância para este
estudo, porque visamos a uma proposição e-arte/educativa da sociedade em
rede, tendo como objetivo a promoção da educação cultural, por se acreditar
no poder libertador da identidade, repudiando a padronização dos seres
humanos. A CiberExpressão torna-se essencial à Arte e seu ensino ao buscar
tornar as cibervidas mais humanas, dada a natureza epistemológica da
apreciação estético-digital se configura de fato num processo interacionista
tecnohumano, uma vez que a integração dos meios de comunicação presentes na
sociedade em rede se apresenta com a interconexão entre o discurso textual,
oral e audiovisual, perfazendo fortes mudanças paradigmáticas no espírito
humano, que "reúne suas dimensões em uma nova interação entre os dois
lados do cérebro, máquinas e contextos sociais" (CASTELLS, 1999, p. 354).

Neste momento recordo
Vigotsky, com a
importância do meio,
aqui como aspectos
socioculturais na
cibercultura como
espaço ao qual a
educação cabe em
forma de mudança.

A interação crescente entre mentes e máquinas, inclusive a máquina de DNA,
está anulando o que Bruce Mazlish chama de a "quarta descontinuidade"
(aquela entre seres humanos e máquinas), "alterando fundamentalmente o
modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos,
consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos" (CASTELLS, 1999, p. 52).
Compõem-se, então, novas formas de relações, bem como um novo estado da
mente - a metalinguagem, a qual está proporcionando a infra-estrutura mental
para a comunicação integrada em um tempo escolhido (real ou atrasado),
constituindo, assim, novo conceito de comunicação e, portanto, de cultura da
humanidade.

Interação entre discursos,
mentes e máquinas, de
formas inovadoras e
surgimento do termo
metalinguagem de forma
síncrona e assíncrona,
oportunizando novos
meios comunicacionais entre
as pessoas em rede.

O ciberespaço deve ser um sistema marcado pela identidade, em que as partes
formam um todo não homogêneo, multicultural, multidialógico,
multidisciplinar e assimétrico. Há que se estabelecer uma globalização
(presente nas redes vivas como a Internet) ecológica/ética, para dinamizar a
identidade pessoal pelo (re)conhecimento das diferenças por meio de uma
interatividade crítico-autônoma. Não ocorrendo isto, poderá imperar uma
ditadura globalizante, hegemônica, em que o capitalismo global, não
centralizado, mas com poder vertical, manipulador, acentua o analfabetismo
e a homogeneização do

Como deve ser o ciberespa-
ço? Que características
deve ter? Deve ser multi-
cultural, dialógico, disciplinar
assimétrico, e deve ser intera-
tivo crítico e autônomo,
como preconiza Freire (1996),
combatendo a ditadura
globalizante vertical.

¹ Para conferir mais dados biográficos sobre Chantal DuPont acesse <http://chantal-dupont.ca/bio/>
(acessado em 05/04/2018)

pensamento humano. Há que escolher entre a globalização democrática (horizontal) e a arbitrária (vertical).

Penso, nesse ponto, em educar para a emancipação humana.

É imprescindível resgatar o que é técnica por meio de seus valores culturais, tanto nos aspectos procedimentais como nos instrumentais, expressos no momento histórico em que está inserida. A técnica, "eu e os outros eus", em incessantes operações de ressignificar o humano, me remetem a um embate contíguo epistêmico em minha ação como professora que utiliza estes meios para dar voz a metalinguagem presente na cultura digital. Analisar a técnica por si mesma pode nos levar a um reducionismo ou desconhecimento de seu uso/ideia, enveredando sua utilização por rumo acrítico, reduzindo-a ao tecnicismo, ou seja, a técnica como um fim e não como um procedimento - ato técnico-criador: de (re)existência em seu contexto mais profundo da expressão humana.

A técnica é a instrumentalização da tecnologia e o momento histórico significa a compreensão da raiz do significado de agir profissionalmente de forma "múltipla" pois há vários ou vários eus de acordo com a ressignificação necessária.

Não podemos, portanto, compreender o que é técnica se nos afastarmos do contexto social em que está inserida, pois este ambiente é o elemento determinante de seu conceito e aplicação. Ademais, a técnica também se ressignifica em si mesma. Embora relacionada à estabilidade e a seus estágios evolutivos, também interage com as inovações tecnológicas, preservando procedimentos antiquíssimos e outros decorrentes de descobertas tecnológicas recentes. Nasce, envelhece e morre, será que podemos citar Nietzsche e exclamar: "Humano, demasiadamente humano!!!"

A técnica liga-se ao contexto histórico e ao ambiente. Ela se relaciona, interage, agregando procedimentos antigos a inovações tecnológicas.

No âmbito da pesquisa científica sistematizada, o ato de atribuir significado é que é tecnologia, pois o contexto é que fundamenta - funda, determina - a tecnologia. Há, portanto, distinção entre técnica e tecnologia. Tecnologia é a acoplação da função social à técnica. Entretanto, estes aspectos técnicos mutáveis - continuamente em desenvolvimento e adaptáveis às necessidades do ser humano, que estão intimamente ligados a um estudo dirigido, sistematizado, que se denomina tecnologia - podem ser utilizados como armadilha para atender aos interesses econômicos presentes no capitalismo, ao agregar produção tecnológica com vistas ao consumo.

Anderi e Toschi (2016) trazem a diferença entre técnica e tecnologia. Tecnologia é função social da técnica, aplicada ao contexto. Processos ligados, e que podem adotar com a disseminação da ideologia dominante com vistas ao consumo.

Este apoderamento tecnológico no sistema capitalista nos leva a questionar se há fábricas de felicidade onipresentes entre nós que nos induzem ao consumo acrítico, mecânico, padronizado, como uma tecnologia (ubíqua) de nossos sonhos capturados (mas que, na verdade, são condicionados, impostos, introjetados). A vida humana, sabemos, não é somente a interação com a matéria, mas também o embate do homem com sua própria alma. Para a indústria ideológica massiva, é essencial capturar a alma humana para disseminar o consumismo em larga escala. Isto faz dela um importante veículo/instrumento utilizado no capitalismo para a ditadura de valores.

O tempo todo a felicidade de deve existir? Será que há consumo desse produto nas redes? Enfrentamentos matéria x alma, consumismo tecnológico que pode gerar valores e contra-valores no âmbito da tecnologia.

Na nossa labuta como educadores, artistas e professores de arte, não queremos formar pessoas em série, acríticas e com seus desejos colonizados pelo imperialismo vertical globalizante. Tenho como premissa pulsante e indócil uma CiberArte/Educação que promova a globalização horizontal -

Há que se lembrar do filme "Tempos Modernos", cujo enredo remete ao tecnicismo, não reflexão. A autora

crática - dialogal, multi/intercultural e por isto libertadora.

A educação uniformizada exclui as diferenças, massificando os valores e desejos humanos. Diante disso, é de extrema relevância que os governantes de nosso país, bem como os dirigentes educacionais, postulem uma política responsável e comprometida com a utilização das TIs, com vistas aos seus impactos socioculturais. Isto porque, apesar do destaque internacional do Brasil no cenário dos usuários de Internet, o perfil do internauta brasileiro ainda é marcado pela classe mais favorecida.

Faz-se necessário eliminar as diferenças educacionais sectárias, de forma a disponibilizar uma educação digital que promova pessoas capazes de gerar, de criar, de elaborar digitalmente, com base na ética e na liberdade, postulando o direito de expressão, sem distinção. Neste sentido, a arte digital, pela sua natureza epistemológica, deve estar presente e ser obrigatória, como tantas outras disciplinas, nos currículos escolares, da educação infantil ao ensino superior, para enaltecer o que há de mais humano no ser humano, além de possibilitar uma educação libertariamente crítico-autônoma.

O exercício cívico e acadêmico de questionarmos mais criticamente como as tecnologias digitais, seus inputs e outputs podem ser utilizados no processo de ensino/aprendizagem. Estes instrumentos podem colaborar no desenvolvimento do pensamento autônomo da pessoa humana? A inclusão digital entra nas escolas para inserir ou potencializar que tipos de saberes? Ou que tipos de conhecimentos podem ser intrínsecos às mídias digitais, os quais possam vir a colaborar com a formação humana? Sabe-se, de antemão, que as propostas de inclusão digital devem ser fundamentalmente educativas, porque só a educação insere a pessoa plenamente no mundo.

A presença da educação intermediática digital crítica nos programas educacionais, objetivando desenvolver e-arte/educativamente o cidadão e a cidadã, tornando-os capazes de se expressarem com fluência crítica e autônoma, por meio de suas produções. Este processo humano/crítico/inventivo em prol da expressão artística crítica seria Utopia? Quixotismos? Pode ser. Mas será que apenas o acesso à informação é suficiente? A terminologia info-inclusão é suficiente? Na verdade, a pessoa alfabetizada digitalmente tem de ser capaz de decodificar e interpretar o mundo que a cerca crítica e autonomamente.

Como seria a qualidade estética da (re)existência da vida sem Arte?

Quais as paisagens digitais que se ascendem na estética da (re)existência da cibervida de nossos alunos e alunos sem o desenvolvimento de suas capacidades de CiberExpressivas?

Como promover ações pedagógicas CiberArte/Educativa crítica em prol do desenvolvimento da expressão autônoma, autogovernativa na promoção do processo de ensino/aprendizagem em nossos alunos e alunas?

Cre numa ciber-educação para a emancipação humana, crítica e reflexiva, em forma de globalização horizontal

Pensar na massa como manobra, sem pensar nas diferenças, desconside-
rando a inclusão. Portanto faz-se necessário ao

Poder Público pensar políticas de inclusão p/ as TICs fortalecer a inclusão digital elimina as diferenças e aumenta a capacidade criadora, autônoma e ética no mundo ciber. Defende a curricularização da arte digital em todas as modalidades.

Cabe ao educador em sua formação questionar em que as tecnologias digitais favorecem a aprendizagem e o processo de ensino. Potencializam? formam o ser humano? Incluir digitalmente e educar para a inserção crítica no mundo, saber ser, fazer, aprender.

O letramento digital amplia a função social da educação intermediática digital, de forma crítica no currículo escolar. Ser alfabetizado não quer dizer ser letrado.

Ética como beleza, numa vida sem arte, não é vida!

Co se debruçar na janela da vida, que paisagens aparecem no mundo ciber?

A pedagogia arte-educativa cibernética deve ser instrumento de reflexão e auto-governança por meio do ensino e da aprendizagem

Surge outra questão: Quais as Bandeiras de meus alunos do curso de especialização em Arte/Educação Intermediática Digital, que em sua grande maioria são professores e professoras da educação básica?

Este ensaio é convite para imersão de análise reflexiva para a disciplina intitulada *As performances e-Arte/Educativas nas Instituições de Ensino* do curso de especialização em Arte/Educação Intermediática Digital na modalidade AD da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG), em que meus alunos e alunas deverão expressar suas Bandeiras ao realizar a produção de paisagens pedagógicas digitais dispostas nos registros audiovisuais de seus depoimentos autocartográficos.

Que os alunos ~~se~~ pensam acerca do que defendem? Que posicionamento possuem? Qual é a bandeira que defendem?

Esse texto é um convite à imersão, pois a partir do contexto artístico-educativo intermediário que performances serão produzidas? Que bandeiras são desenhadas dadas as diferentes formações desta pós-graduação? Que paisagens esses alunos expressam?

Como desvendar nos depoimentos autocartográficos. Por onde caminharão para chegar até aqui?